SCHOLL, Inge. *Die Weisse Rose*: Erweiterte Neuausgabe. Frankfurt. Fischer Taschenbuch Verlag, 2001. p. 7

Já se passaram cinquenta anos desde que os irmãos Scholl e seus companheiros, bem como simpatizantes de diversas regiões da Alemanha e da Áustria, anteviram com clareza o início das atrocidades e do terror – desde os primeiros indícios, ainda pouco perceptíveis para a maioria, até o auge da violência – e decidiram agir norteados por seus ideais. Seus feitos entraram definitivamente para a história.

Mas a palavra *história* remete ao passado – o que é perigoso, pois leva a crer que os acontecimentos ficaram para trás e nunca se repetirão. Tendo em vista que as condições em que vivemos mudaram radicalmente nos últimos cinquenta anos, tal perspectiva é ainda mais perigosa. O bem-estar social, que tem se tornado cada vez mais natural para muitos de nós, encobre morte, tortura e terror, mesmo quando acontecem bem ao nosso lado, e induz a não acreditarmos no que, na verdade, sabemos.

A exposição irrefletida ao consumo e ao prazer endurece o coração, leva, de maneira talvez ainda mais perigosa, a agitação e agressão e reduz as possibilidades de contemplação do mundo, que deve ser observado de forma atenta, contínua e consequente. À medida que se busca desenfreadamente a realização material, o anonimato e a perda de identidade aumentam. Cada vez mais, os rostos das pessoas parecem refletir o desejo de não renunciar a nenhum desejo, o que as faz perder o que há de mais precioso. Confundir o que pode ser comprado nas ruas iluminadas e vitrines abarrotadas com o que realmente tem valor, mas não está à venda, torna o mundo vazio.

A fachada alegre e prazerosa do mundo, tão diferente da imagem de cinquenta anos atrás, minimiza a gravidade dos fatos históricos (Inge Scholl fala claramente sobre o perigo dessa banalização) e faz a alegria desaparecer dos corações – aquela alegria autêntica que acolhe até mesmo uma morte preciosa. O que recebemos em troca é uma morte qualquer e uma vida qualquer. Precisamos ficar atentos.

Viena, meados de 1992                                                                   Ilse Aichinger

[Trad. Tinka Reichmann e Juliana P. Perez]
[Última revisão: 01/06/2012]